



Érika Natália Ferreira da Silva

“Os Cantos da Simbolada: A Performance da Cultura Negra em Arapapuzinho”.



PROEX
Pró-Reitoria de Extensão | UFPA



FADECAM
Faculdade de Formação e
Desenvolvimento do Campo



Fotografias

Eliana Teles, Juliete Cardoso dos Santos, Lindalva
Couto da Silva

Realização

GEDAF/AGIS/UFPA

Transcrição

Érika Natália Ferreira da Silva

Organizações e Instituições participantes

ARQUIA

Universidade Federal do Pará

Edição

Eliana Teles Rodrigues

Orientação acadêmica e supervisão cartográfica

Eliana Teles Rodrigues

Co-orientação acadêmica

Aquiles Vasconcelos Simões

Cartografia

Thiago Vilhena

Diagramação e Editoração Eletrônica

Everton Teles

Colaboração

Jucileide Sena da Silva



MINISTÉRIO DA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA,
INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

SECRETARIA ESPECIAL DE
AGRICULTURA FAMILIAR E DO
DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO

CASA CIVIL



“Os Cantos da Simbolada: A Performance da Cultura Negra em Arapapuzinho”

“Trabalho desenvolvido no âmbito do NEA GEDAF: Teias de Inovação Agroecológica e Desenvolvimento de Sistemas Agroalimentares com o apoio do **Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq**” e dos **órgãos financiadores da Chamada CNPq 21/2016**, a saber: MAPA, MCTIC, MEC e SEAD – Casa Civil.



PROEX
Pró-Reitoria de Extensão | UFPA



FADECAM
Faculdade de Formação e
Desenvolvimento do Campo



Parceiros: MORIVA, STTR, ARQUIA, AMIA e SINPESBA

Sumário

Apresentação	05
“Simbolada É A Dança Das Culturas dos Antigos:... que se atualiza no presente!”	06
O sagrado.....	08
Aí depois, virava esse cambi...!.....	10
Queimada da cachaça.....	13
Músicas.....	15
Cultura Arapapuzinho.....	16
Simbolada.....	17
Revira Pombinha.....	18
Minha Mãe.....	19
A Sariquinha da Beira da Praia.....	20
Sabiá.....	21
Mineiro.....	22
Pensa Que Cachaça é Água.....	23
Jabatirica.....	24

APRESENTAÇÃO

Simbolada é o ritmo acompanhado de um canto, muito entoado na comunidade quilombola Arapapuzinho. O ritmo do samba, que marca a simbolada, já foi muito dançado e entoado no lugar, mas com o passar do tempo a frequência diminuiu, mas ainda está guardada na memória dos moradores dessa comunidade, em especial na de Maria da Graça dos Santos Vilhena, conhecida na comunidade como Dona Graça.

Hoje ela pratica a religião evangélica e se apresenta em raras ocasiões cantando a Simbolada, pois sua religião não permiti a dança. Ela diz que seu desejo é deixar registrado seus cantos, para que próximas gerações tenham conhecimento dessa cultura da comunidade quilombola Arapapuzinho.

Dona Graça, toca, dança, canta e compõe músicas, entre as quais, está a simbolada de Arapapuzinho.

Érika Natália Ferreira da Silva

**“SIMBOLADA É A DANÇA DAS
CULTURAS DOS ANTIGOS... Que se
atualiza no presente!”**

“A simbolada é uma música antiga, do tempo dos antigos, quando rezavam que faziam as novenas, acabava a reza ai era cantada, samba, tinha os cantadores de samba...ai qual era as músicas? Era a simbolada e outras que eu canto”. (dona Graça, 2018)

A simbolada era cantada para dançar o cambi. Isso acontecia em vários festejos, principalmente pelas mulheres, naquela época as mulheres usavam saias abaixo dos joelhos, e no momento da dança elas pegavam a bainha da saia para fazer os gestos da dança, nesse momento alguns homens os acompanhavam na dança. Os anos foram passando, dona mimitinha e seu marido morreram, mas dona Graça continuou cantando e dançando a simbolada, se tornou a principal cantora e dançarina dessa dança, e ficou conhecida por manter esse traço cultural da comunidade quilombola do Arapapuzinho.

É uma das poucas pessoas que aprendeu a bater, dançar e cantar a simbolada. Ela afirma que essa dança é cultura dos quilombolas. “É dos quilombolas mesmo, os antigos eram umas pessoas quilombolas”. Depois de alguns anos, dona Graça se converteu na igreja evangélica e não dança mais com frequência, só em momentos muito especiais, quando a comunidade realiza algum festejo especial. Outras pessoas da comunidade já tentaram cantar e dançar a simbolada, mas elas dizem que dona Graça é única, ninguém faz como ela: seus gestos na dança, a performance do corpo, traz os traços do tempo dos antigos. Às vezes ela ensina como fazer com as saias, pra ver se elas aprendem “tem que fazer tudo que está na musica, mas não eles não fazem, eu falo pra eles, parecem que estão com medo”.

Dona Graça, hoje com 66 anos, ainda mora na comunidade de Arapapuzinho, mas em respeito a sua religião não dança mais como antigamente. No entanto ela apoia as crianças da comunidade que estão se empenhando em aprender a dançar a simbolada. Ela diz que muitas pessoas já a procuraram para fazer pesquisa sobre a dança, mas ela nunca teve retorno e não sabe o que foi feito dessas pesquisas. Diz que muitas culturas da comunidade já foram roubadas “já roubaram foi muita cultura nossa daqui”. Com a simbolada não é diferente, muitas pessoas dizem que a dança não é de Arapapuzinho, mas dona Graça afirma ser cultura da comunidade. Então ela sugere deixar um cd gravado com as suas músicas, para que próximas gerações tenham conhecimento dessa prática cultural, que ela afirma ser da comunidade quilombola do Arapapuzinho.



“Eu sou uma jovem, mas uma jovem já na velhice”.

Maria das Graças dos Santos Vilhena, 66 anos, dona Graça, Comunidade quilombola de Arapapuzinho. Foto: Lindalva Couto da Silva, em novembro de 2018. Acervo de Jucileide Sena da Silva.

O SAGRADO

Quando solteira, dona Graça morava no rio Itacuruçá, um rio vizinho ao Arapapuzinho, onde existe outro quilombo. Ela morava com seus pais e seus dez irmãos. Ainda criança, acompanhava a sua mãe em novenas que se realizam no rio Itacuruçá. As novenas aconteciam nas casas de festejos de algumas famílias que eram devotas de santos. Assim, nos meses em que as famílias comemoravam o dia dos santos, aconteciam às novenas em sua devoção, nesses festejos, o ato sagrado era a novena, tinha os rezadores das ladainhas cantada.

No rio Arapapuzinho, acontecia um festejo na casa de dona Mimita do Carmo, conhecida como Mimitinha e seu marido Mimim Couto. O casal era devoto de Nossa Senhora de Nazaré e festejava em homenagem a santa. O festejo começava com a novena, onde eles faziam a ladainha cantada, após o momento sagrado, o casal dono da casa de festejo saía para o meio do salão para dançar o Cambi, onde eles cantavam a simbolada, foi com esse casal que doa graça aprendeu a bater, dançar e cantar a simbolada e outros cantos.

Havia também outro festejo no mês de janeiro. O santo devoto era São Sebastião. O santo pertencia a uma família moradora do rio. O festejo começava com a ladainha cantada e depois tinha o momento da festa dançante onde acontecia o Cambi. Passados alguns anos o festejo de São Sebastião deixou de ser apenas um festejo da família devota, e tornou-se o santo padroeiro da comunidade de Arapapuzinho.



*Maria das Graças dos Santos Vilhena, fazendo a performance da simbolada na cozinha de sua casa.
Fonte: Eliana Teles, janeiro de 2019.*

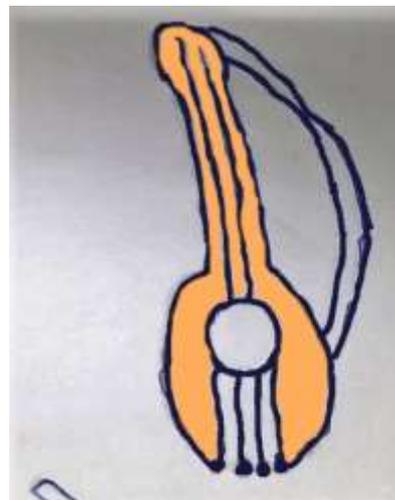
AÍ DEPOIS VIRAVA ESSE CAMBI!

“ tinha uma senhora lá, ela rezava novena quase o mês inteiro de nossa senhora de Nazaré que ela tinha. Aí iam convidar meu pai e minha mãe e eles iam pra lá. E chegava lá era assim: depois da reza virava esse cambi e era cantada essa simbolada, era uma senhora que cantava essa simbolada, e era sempre nesse ritmo que eu canto” (dona Graça, 2018)

“ Aprendi indo com a minha mãe, minha mãe ia pra essas ladainhas né, e lá acabava a ladainha e virava nesse cambi que era a festa e a simbolada era cantada dentro do cambi” (dona Graça, 2018)

“Eu aprendi vendo ela, essa senhora cantando samba, a mamãe me levava pras festas que saia esses tipos de cambi, e eu via. Aí eu aprendia e até hoje ainda não esqueci, o jeito da dança, que eles dançavam, fazendo pro lado pro outro, segurava na bainha da saia e saía pro lado pro outro” (dona Graça, 2018)

O cambi acontecia depois do momento sagrado do festejo, que começava com a novena, a ladainha cantada. Era o momento da festa dançante, dentre várias músicas, cantava-se a simbolada, num ritmo que se assemelha ao samba. Na verdade, diz dona Graça, “a simbolada é uma música, ela é antiga, do tempo dos antigos, quando rezavam e faziam novena, acabavam a reza e cantavam samba, tinha os cantadores de samba”. Esse cantadores, eram os mesmos que participavam do festejo. Elas cantavam e tocavam os instrumentos, todos manuais: tambor, flauta, chocalho.



Instrumento utilizado para acompanhar o cambi.



Tambor para fazer a percussão, durante a dança da simbolada.

Fonte: Desenhos realizado pelo jovem Diego Coutinho dos Santos, morador do quilombo Ararpapuzinho, em 2018.

No momento do cambi, qualquer objeto se tornava um instrumento. As pessoas podiam tocar tudo o que estivesse no salão da festa. Utilizavam latas, baldes, mesas, qualquer objeto que transmitisse som era usado para tocar, e as pessoas saiam para dançar. Dona Graça utiliza apenas as mãos. Ela diz: “não sei cantar, se não mexer com as mãos”.



A simbolada entoada por dona Graça e dançada pelas crianças e senhoras de Arapapuzinho, na Escola Quilombola Santo André, comunidade Itacuruçá, durante as comemorações do dia da Consciência Negra, em 2018.

Fonte: Juliete Cardoso dos Santos.

QUEIMADA DA CACHAÇA

No momento da dança do cambi, as pessoas responsáveis pelo festejo traziam para o meio do salão, uma bacia de barro e colocava para ferver, faziam uma mistura de cachaça de engenho com alguma planta como, gengibre, capim-marim, ou siritada que era uma garrafada de mistura de vários remédios caseiros como, salva, pau xuri, e erva doce, essa mesma garrafada servia como remédio para as mulheres após o parto por um mês, segundo as parteiras servia para limpar a barriga das mulheres. Esse processo de ferver cachaça com alguma planta era conhecida como “queimada da cachaça”, que tinha como resultado o licor. Nos festejos, esse licor servia como bebida, para animar as mulheres no momento da dança.

“Quem mandava rezar pras imagem, faziam uma queimada de licor, capim-marim, gigibrada, eles faziam pra beber dois didinho ali, pra pessoa ficar mas solto, mas e com isso eles ficavam até tarde da noite dançando, brincando”. (dona Graça, 2018)



Da esquerda para a direita vê-se o Gengibre e o Capim-Marim, ambos utilizados para o preparo do licor ou “queimada da cachaça”

Fonte: Gleyce Carvalho.

MÚSICAS

Cultura Arapapuzinho (música e letra: dona Graça)

*Olá, minha gente, olá gente boa.
Viemos do Arapapuzinho trazer nossa cultura.
Viemos pra brincar e viemos se divertir.
Nós vamos a mostrar como se dança o cambí.
Caxiana, mexiana, que manda dançar o cambí (2x)
Te vira quilombola aqui no meio do salão.
Te vira mulherada e arrasta o pé no chão.
Arrasta o pé no chão, arrasta o pé no chão,
arrasta o pé
no chão, mulheres quilombolas (2x)*



Simbolada *(Comunidade Arapapuzinho)*

*Tenho meu anel de ouro simbolada, simbolada.
Ai quem me deu foi a dalina, simbolada, simbolada.
Ai o que é meu é da dalina, simbolada, simbolada.
E o que é da dalina é meu, simbolada, simbolada.
Ai eita meu é, simbolada, simBolada.
Passarinho bem-te-vim, simbolada, simbolada.
Do galho da laranjeira, simbolada, simbolada.
Quem quiser tomar café, simbolada, simbolada.
Vai pedir pra cozinheira, simbolada, simbolada.
Ai eita meu é, simbolada, simBolada. (2x)
Plantei cravo na praia, simbolada, simbolada.
Alencrin na ribanceira, simbolada, simbolada.
Pra não me casar contigo, simbolada, simbolada.
Sei que vou morrer solteira, simbolada, simbolada.*



Revira Pombinha

Revira, revira, minha pombinha (3x)

Tornar revirar minha pombinha (2x)

Minha Mãe

Minha mãe me pois numa bacia, mandou empurrar pra fora e atravessar sete baia. (2x)

Eu tenho medo, minha mãe eu tenho medo, eu tenho medo de morrer lá na bahia. (2x)

Comadre Maria me bote pra beira, que lá vem a matinta pereira.

Eu tenho medo, mamãe eu tenho medo, eu tenho medo de morrer lá na bahia. (2x)

Minha mãe seu namorado já chegou, bateu na porta na casa do seu amor. (2x0)

Amarra a rede, manda ele deitar, não tem café, açúcar, deixa a barriga roncar. (2x)



A Sariquinha da Beira da Praia

*A sariquinha da beira da praia,
como é que a mulher sacode a saia,
É assim, é assim, é assim, olê, ê, ê.
É assim que a mulher sacode a saia.
É assim, é assim, é assim, olê, ê, ê.
É assim que a mulher sacode a saia.*



Sabiá

Sabiá pulou do puleiro.

Foi cantar no abacateiro.

*A menina olhou e disse assim, não chora
que eu vou voltar.*

*Passarinho da gaiola, fez um buraquinho,
vôou, vôou, vôou, vôou.*

*A menina que gostava tanto do bequinho,
chorou, chorou, chorou, chorou.*



Mineiro

Mineiro que vendina mineiro pau, mineiro pau.

O que trouxe para vender, é mineiro pau, mineiro pau.

Trouxe carne de boi seco, mineiro pau, mineiro pau.

Só que trouxe para vender, aí é mineiro pau, mineiro pau.

Pensa que Cachaça é Água

Pensa que cachaça é água, cachaça não é água não.

*Cachaça vem do alambique, e a água vem do rio beirão,
beirão, beirão.*

Eu só não quero é que me farte, é a danada da cachaça.

Pode me faltar tudo na vida, arroz, feijão e pão.

Eu só não quero é que me farte, é a danada da cachaça.

Jabatirica

Me bebe como cachaça, me come como canjica.

Mas ela é, a minha jabatirica.(2x)

Ela é cheirosa e gostosa, minha a rainha e cutica.

Mas ela é, a minha jabatirica.

Me bebe como cachaça, me come como canjica.

Mas ela é, a minha jabatirica.

Ela é cheirosa e gostosa, minha a rainha e cutica.

Mas ela é, a minha jabatirica.(2x)



PROEX
Pró-Reitoria de Extensão | UFPB



FADECAM
Faculdade de Formação e
Desenvolvimento do Campo



Parceiros: MORIVA, STTR, ARQUIA, AMIA e SINPESBA